

---

## A pedra de crack grande que nem o Ritz

*Um edifício, sólido e imponente. Ao longo de sua base compacta estendem-se arcos elevados, formando uma barreira de colunata em seu couro rijo. No centro ficam portas altas e transparentes, flanqueadas por colunas. Há um frontão na seção intermediária da fachada e, perfilados ao longo dele, a intervalos de cinco metros, veem-se os rostos impassíveis de antigos deuses e deusas. Elevando-se acima deles seguem-se fileira após fileira de janelas, cada uma um olho luxuriante. O edifício todo é denso, retangular e branco, de um branco leitoso, translúcido.*

*Acima das portas centrais há um letreiro, as letras destacadas individualmente por fileiras de lâmpadas brancas. O letreiro diz: THE RITZ. Tembe olha para o hotel luxuoso, olha e depois atravessa a Piccadilly, driblando o tráfego, os táxis cantando seus pneus, as vans piando suas buzinas, os ônibus grasnando as deles. Ele vai até a entrada. Um porteiro posta-se imóvel junto a sua morosa incumbência giratória. Ele também é branco, branco leitoso, translúcido. Seu rosto, branco; suas mãos, brancas; seu casaco pesado cai quase até seus pés em pregas petrificadas de branco leitoso, translúcido.*

*Tembe estica a mão negra. Encosta a palma contra a coluna que flanqueia a porta. Admira o contraste de cor: o negro sumindo nos contornos amarelados dos dedos e depois no branco, no branco leitoso, translúcido. Ele cutuca a coluna, cutuca como um menino que estraga o reboco na parede da escola. Cutuca e arranca um pedacinho da superfície. O porteiro olha para além dele com olhos cegos, leitosos, translúcidos.*

*Tembe tira um cachimbo de vidro do bolso da jaqueta e enfia o pedacinho na ponta quebrada do tubo de Pyrex, como se fosse o forninho. Pondo o cachimbo na calçada, na base da parede branca, de seu outro bolso tira um maçarico portátil. Ele acende o maçarico com um fósforo que risca na calça jeans. O maçarico brilha, com seu*

---

*clarão amarelo; Tembe suaviza para uma língua de fogo azulada e sibilante. Apanha o cachimbo de crack e, enfiando a haste entre os lábios secos, começa a roçar o forninho com a chama azulada.*

*Os fragmentos de crack no cachimbo se liquefazem em um Angel Falls miniatura de fumaça fluida que despenca no corpo globular do cachimbo, onde revolve e borbulha. Tembe traga e traga e traga, sentindo a onda crescer dentro dele, transbordar para fora dele, suprimindo a distinção. Ele traga e traga até se tornar apenas o ato de tragar, apenas a ação: uma biruta com um vendaval de fumaça de crack soprando nela.*

*“Tô fumando”, ele pensa, ou talvez apenas sinta. “Tô fumando uma pedra de crack grande que nem o Ritz.”*

Quando Danny deixou o exército depois da Tempestade no Deserto ele voltou para Harlesden, no noroeste de Londres. Não era tanto que gostasse da área — como podia? —, mas sua turma estava lá, os caras com quem tinha crescido. E também havia seu tio, Darcus; o velho não tinha ninguém para cuidar dele agora que Hattie morrera.

Danny não gostava de pensar em si mesmo como ficando excessivamente responsável por Darcus. Não tinha certeza nem se o velho era mesmo tio dele, ou tio-avô, podia até ser tio-bisavô. Hattie sempre fora menos ligada nos aspectos formais da família — que parentesco exatamente os adultos e as crianças tinham entre si — do que no lado prático, quem cuidava da comida para quem, quem dormia com quem, quem não deixava quem cabular aula. Até onde Danny sabia, Darcus podia ter sido seu pai, ou talvez nem fosse de fato um parente.

A mãe de Danny, Coral, que ele nunca tinha conhecido de verdade, dera outro nome para ele, Bantu. Danny era Bantu e seu irmão menor se chamava Tembe. Coral dissera para a tia Hattie que o pai dos meninos era africano, daí os nomes, mas ele nunca acreditou nisso, nem por um segundo.

“O nome não quer dizer nada”, disse o rebatizado Danny para Tembe, quando sentavam no banco diante da estação do metrô de Harlesden, tomando Dunn’s River e vendo o empurra-empurra dos desempregados, mendigando grana para um rango ou um vinho de cozinha. “O nome da gente é idiota, pra começo de conversa. Bantu! Tembe! A nossa mãe achou que era tipo

superdescolado, e africano, mas viajou total, cara. Bantu é uma porra de *tribo* e Tembe, isso é só a porra de um tipo de *música*.”

“Não tô nem aí”, respondeu Tembe. “Eu curto meu nome. Agora que eu cresci —”, projetou o peito para a frente, tentando estufar o tecido da jaqueta — “eu falo pra todo mundo me chamar de Tembe, assim pelo menos ninguém me desrespeita nem nada”. Tembe estava com dezenove anos, um rapaz espigado e sem jeito, de pele preto-amarelada e rosto achatado.

“Tchuu!” Danny chupou a parte de dentro da bochecha, com desprezo. “Você é um puta mongol do caralho, Tembe, vou dizer uma coisa pra você. Sorte sua que eu larguei a porra do serviço e voltei pra abrir um pouco essa tua cabeça dura.”

E os dois rapazes ficaram ali passando a Dunn’s River de mão em mão. Danny estava com vinte e cinco anos, e Tembe tinha de admitir que não parecia nada mal. Durão, com certeza, ninguém ia duvidar disso. Sempre fora durão, e esquentado, também, sem nunca engolir sapo de ninguém.

Danny, bem mais velho, tinha sido uma espécie de herói para Tembe, na escola. Ele era carne de pescoço, mas ao mesmo tempo ia bem nas aulas. O problema era que não se concentrava ou, como os professores diziam, não se empenhava. “E pra quê?”, costumava dizer ele para Tembe. “Tirar uma porra de C, daí um A, e o que cê faz com isso depois, hein? Vai pro Centro de Empregos, igual a qualquer outro negão de merda? Cê conhece a piada: o que a gente diz pra um preto com emprego? ‘Me vê um Big Mac com fritas...’ Cara, eu é que não vou pagar esse pau. Lembra do que o Mutabaruka diz, não é nada bom ficar na terra do homem branco muito tempo. Não é a real?”

De modo que Bantu, como ainda era na época, acabou enfiando na cabeça de voltar para a Jamaica. Segundo dizia era “voltar”, mas ele não sabia exatamente, tia Hattie sendo meio que vaga quanto às origens, tanto quanto era em relação aos laços de família. Mas ele convenceu Stan, que cuidava do peixe & fritas Montego Bay, na Manor Park Road, a arranjar um emprego para ele com um primo em Kingston. Em termos de raízes, a coisa toda era um tiro no escuro, mas em se tratando de carreira, Bantu estava no caminho certo.

Em Kingston, ficou sabendo que o primo de Stan tinha morrido, ou sumido, ou nunca nem existido. Bantu ouviu todas

essas versões antes de desistir de procurar. Em algum momento, nos seis meses seguintes, largou o “Bantu” e adotou “London”, pelo fato de que — no entender dos jamaicanos — essa era sua verdadeira proveniência. E mais ou menos na mesma época em que isso aconteceu, sossegou como empregado regular de um sujeito chamado Skank, cujos negócios incluíam a compra de pó que chegava pelo mar e o preparo de crack para vender nas ruas de Trenchtown.

Skank fazia para London sermões motivacionais regulares, palestras destinadas a incentivá-lo no trabalho: “Cê pega um cara adulto, ele é todo engripado, saca. O cara não tem fle-xi-bi-li-da-de, então não tem pos-si-bi-li-da-de. Mas pega um cara novo, a juventude aprende, a juventude consegue apreciar o que cê tem pra dizer pra ela... Tá me escutando, doido?” London achava a maior parte do que Skank dizia um monte de merda, mas não achava as M16s lubrificadas, brilhantes, escondidas debaixo do assoalho na casa de Skank, um monte de merda, e sem dúvida tampouco a pequena Glock irada que o negão cheio de dreads levava num coldre sob o braço, tão distante de um monte de merda quanto dava para ser.

London se deu bem trabalhando para Skank. Às vezes levava meio nas coxas, mas no geral seguia as ordens do chefe ao pé da letra. E numa coisa em particular se revelou ser um cara realmente sério: nunca encostava um dedo no produto. Um baseado aqui e ali, só pra fazer a cabeça. Mas nada de pedra, não mesmo, nada de *crack* — e nada de pó, também.

London via os traficantes, via também seus colegas de vapor e avião, como ele. Via todo mundo chapado com a própria mercadoria. Tão chapados que viam coisas que nem estavam lá: filamentos elétricos saindo da carne, prova de que os ETs tinham enfiado transmissores na cabeça deles. E também ouviam coisas, como helicópteros de vigilância da DEA circulando em volta do quarto. Então London nem encostava naquela porra — ele nem *queria* encostar.

Um ano quebrando pedra em Trenchtown era quase que o máximo de aprendizado que dava para ter. Esse era um ramo onde você passava direto do período de experiência para a aposentadoria, sem nada como uma carreira entre uma coisa e outra. London estava ficando conhecido, então Skank o mandou para

a Filadélfia, Pensilvânia, onde as oportunidades floresciam, esse sendo o final de uma década muito boa para os negócios.

London mal conseguia acreditar naquela cidade. Não conseguia acreditar que ele e sua gangue de jamaicanos — Yardies — podiam agir na boa daquele jeito. Se você estivesse longe do centro e dos bairros brancos, podia meio que atirar onde bem entendesse. London e sua turma costumavam andar na caranga com os vidros abaixados, simplesmente mandando ver, descarregando suas nove milímetros nos velhos prédios marrons.

Mas no geral a artilharia pesada era só para se exibir. Os jamaicanos tinham uma reputação tão ruim em Fili que na verdade nem precisavam fazer qualquer coisa com alguém. De modo que era como cuidar de um comércio a varejo qualquer num lugar qualquer: controle de estoque, margem de lucro, gerenciamento de problemas. London ficou entediado e começou a fazer uns negócios que não devia. Continuava sem encostar a mão no produto — não era otário de se meter nessa —, mas fez coisa pior. Começou a se meter a besta com Skank.

Quando o terceiro quilo evaporou, Skank ficou desconfiado e mandou um capanga dar uma palavrinha com seu vapor. Mas London já se escafedera: linhas aéreas caribenhas para Trinidad e depois linhas aéreas britânicas para Londres, de maneira a encobrir seu rastro.

De volta a Londres, London mudou de nome, que ali já não fazia o menor sentido. Por algum tempo ficou assim, sem nome e sem trampo. Bundando por Harlesden, jogando bilhar com Tembe e o resto da rapaziada desempregada. Vivia do que ganhava com a droga furtada de Skank e mantinha a cabeça baixa, bem baixa. Havia oportunidade de trabalho sobrando para um jovem esperto que soubesse manusear uma arma, mas tivera uma boa amostra dessas coisas em Trenchtown e em Fili, e sabia que nessa vida não ia durar. Além do mais, os tiras londrinos tinham um jeito meio antipático de lidar com preto armado. Atiravam pra matar. E também não podia se meter de jeito nenhum com os jamaicanos. A notícia chegaria em Skank, que tinha também uma política toda própria nesse assunto de atirar e matar.

Sem entender muito bem como nem por quê, foi parar um dia no centro de recrutamento, na Tottenham Court Road. Primário completo? Claro — mais de uma vez. Experiência?

Escola militar, essas coisas. Achou que isso explicaria sua familiaridade com as armas, embora, quando chegasse a hora do treinamento, o sargento ia saber muito bem que era a maior balela. Regimento? Queria alguma coisa com reputação, com reputação de combate. Infantaria, essas coisas. Royal Green Jackets? Por que não?

“Bantu” parecia a coisa mais estúpida no formulário. Deu um sorriso largo para o sargento: “Era pra ser ‘Zulu’, na verdade.”

“A gente não se importa com seu nome, filho. Você tem uma família nova, agora, então pode arrumar um nome novo pra você, se quiser.” E foi assim que ele virou Danny. O ano era 1991 e Danny assinou por dois anos de serviço.

Pelo menos tinha uma casa para ir quando saiu do exército. Fora suficientemente precavido para empatar a grana de Skank num teto na Leopold Road. Um sobradinho eduardiano que era um lugar para tia Hattie, e para Darcus, e Tembe, e todos os supostos parentes que não paravam de dar as caras. Danny era um páter-famílias, relutante, deixava toda a administração da casa para tia Hattie. Mas quando voltou as coisas estavam diferentes: Hattie morta, Darcus quase senil, pescando na poltrona com seu formulário dos cavalinhos, dependente do serviço social: enfermeira e sopão em domicílio. Danny ficava injuriado de ver o tio naquele estado lastimável.

Mas a casa também estava um desleixo só. Se você pisasse duro demais no assoalho, no andar de baixo, ou se subisse trocando as escadas, pequenas nuvens de gesso eram sopradas nos cantos do teto. O encanamento vivia entupido e havia manchas de umidade sob todas as janelas, no andar de cima. Na cozinha, o linóleo descascava junto ao pé do fogão, revelando outras camadas de linóleo mais antigo, como uma pele doente coberta de gordura e sujeira.

O exército mudara Danny. Ele entrou um pretinho desmiolado, raivoso, potencialmente violento; e saiu um negrão frustrado, eficiente, raivoso. Sua aparência mudara, também. Os adornos da moda haviam ficado no passado, todas as grossas argolas de ouro: anéis, brincos, braceletes. No passado também o cabelo extravagante. Em vez disso era agora o cocuruto escul-

vido, rente e achatado, e as roupas casuais sugerindo “militar”. Danny sempre fora magro, mas no exército ganhara corpo. Mais escuro que Tembe, seus traços também eram mais afilados, mais esbeltos. Agora parecia inteiramente no esquadro, compacto, como se alguém tivesse desbastado dele todo o excesso.

“Que é que cê vai fazer agora, hein?”, perguntou Tembe, os dois irmãos fumando um bequezinho e tomando cerveja diante do páreo no sábado à tarde. Darcus balançava a cabeça num canto. Na tevê, um sujeito com costeletas cavaleares fazia seus prognósticos equinos.

“Sei lá. Nada contra a lei, pode apostar. Daqui pra frente vou ficar só na moral. Já vi matança suficiente pra uma vida inteira, cara.”

“Pode crer. A matança.” Tembe se apoiou nos braços de vinil da poltrona para aprumar o corpo, animado. “Conta pra mim, Bantu. Fala sobre a matança e essas coisas. Como era de verdade, no combate?”

“Danny. O nome é Danny, agora. Não esquece, cuzão. Bantu já era. E tem mais uma coisa, para de me perguntar sobre a guerra. Cê não ia querer saber. Se eu te contasse a metade, você ia se cagar todo nas calças. Então esquece.”

“Só que... Só que... Se você não vai traficar, cê vai fazer o quê?”

“Vou me virar, porra. É isso que eu vou *fazer*, brou. Olha só o estado desse lugar. Se você quer continuar morando aqui com aquela sua vadia largada, melhor fazer alguma coisa também. Me ajuda a dar um jeito nisso aqui.”

A “vadia largada” era Brenda, uma namorada que Tembe trouxera para casa uma semana depois que seu irmão foi para o estrangeiro. Eles dormiam juntos numa montanha de lixo empilhado no andar de cima, geralmente cheirando a álcool, ou pedra, ou as duas coisas.

Danny começou pelo porão. “Impermeabilizar, é mesmo?”, disse Darcus, emergindo de sua névoa e lembrando do trabalho em construção de décadas atrás: traz aquela lata, negão; risadas irlandesas; cimento misturado; dores no pulso. “É. Isso mesmo, tio. Vou arrancar aquela parede podre do fundo e pintar de novo.”

“A geminada, é?”

“Não, a do outro lado.”

Ele alugou uma furadeira industrial. Comprou luvas, óculos de proteção, macacão, máscara. Mandou Tembe ao depósito, para buscar dois mil tijolos, sacos de brita de cinquenta quilos, areia e cimento. Enquanto ele ia, Danny desceu a escada caindo aos pedaços, acendeu a lâmpada amarelada e começou.

A broca afundou no reboco. Danny foi furando primeiro para cima, depois para o lado, contornando, de modo que pudesse arrancar uma seção inteira da parede. O pó era cruel, e o barulho também. Danny continuou firme, imaginando que a parede era alguém que quisesse matar, algum cabeça de toalha do deserto, ou Skank, a pedra em seu sapato. Apoiava a pesada máquina na cintura, fazendo pose de herói de ação nos quadri-nhos, e sentiu o reboco tremer, depois se desintegrar.

Um pedaço da parede veio abaixo. Mesmo sob a luz mortífera do porão Danny podia perceber que não era terra — o que estivera esperando — do lado de lá da alvenaria. Havia fragmentos da coisa na ponta da broca, e raspas retorcidas parecendo coco, espalhadas no chão irregular.

Danny ergueu os óculos de proteção e puxou a máscara do rosto. Agachou, pegou um punhado daquele negócio e aproximou do rosto. Era branco-amarelada, com uma consistência entre cera e giz. Danny tirou a luva e apertou entre as unhas. A coisa descamou e se desmanchou. Ele passou uma pitada no lábio inferior e provou. Tinha gosto químico. Ficou olhando perplexo para o retalho de um metro quadrado aberto por ele. A luminosidade da lâmpada balançando executava estranhas patinações na pátina irregular. Aquilo era cocaína de crack. Danny achara crack.

Tembe ficou puto quando voltou e descobriu que Danny não tinha nenhuma utilidade para os tijolos. E nenhuma utilidade para a brita, nem para o cimento, nem para a areia, tampouco. Mas tinha utilidade para Tembe.

“Cê curte essa merda, certo?” Danny estava sentado na mesa da cozinha. Segurava uma pedra de crack do tamanho de um ovo de pomba entre o polegar e o indicador.

“Putaquemepariu!” Tembe sentou pesadamente. “Tem grama paca aí, cara. Onde cê conseguiu isso?”

“Cê não precisa saber. Não precisa saber. Isso é comigo. Descolei um canal pra nós. A gente tá de volta ao mercado.” Fez um gesto na direção da mesa, onde um toco de lápis repousava sobre um pedaço de papel cheio de contas rabiscadas. “Eu cuido do fornecimento, cê cuida da distribuição. Toma —”, jogou o ovinho de crack para Tembe “— aí tem quase um oitavo. Separa em vinte — quero uma pila de volta. Dá pra você tirar quarenta — e ainda deve sobrar uma carinha pra você dar um tapa”.

Tembe olhava maravilhado para o ovo aninhado na palma de sua mão. “É coisa pura, essa? É do bom, é?”

“Top de linha! Puríssimo. Saído do forno. O bicho. Vai dar um teco pra sua vadia, vê o que ela acha do produto. Depois se manda e vende um pouco.”

Tembe saiu da cozinha. Nem sequer se tocou do cadeado novinho em folha trancando a porta do porão. Sua preocupação era um cachimbo. Danny voltou a somar suas colunas de números.

Danny retomou sua carreira no comércio de crack com grande circunspeção. Para começar, tentou averiguar o tamanho de seu estoque. Obteve emprestado um jogo de varas de desentupir encanamento e enterrou-as na face exposta do crack no porão. Mas por mais que acrescentasse varas e por mais fundo que fosse, não conseguia chegar ao fim da pedra, em nenhuma direção. Arrancou uma parte maior da alvenaria e também abriu o chão. Onde quer que escavasse, era mais crack. Danny concluiu que a casa inteira devia estar alicerçada numa gigantesca pedra de crack.

“Passarinho que fura pedra”, refletiu ele em voz alta, “sabe o cu que tem, essa é a real”.

Mesmo se a rocha gigante fosse apenas uma fração maior do que as varas indicavam, ainda assim seria grande o suficiente para inundar o mercado de crack em Londres, talvez até na Europa inteira. Danny não era nenhum bobo. Solte uma quantidade muito grande dessa pedra nas ruas, e não demora para chamar a atenção de Skank e outros do mesmo naipe. E esses jamaicanos não tinham respeito nenhum. Eram como macacos

que acabaram de descer da porra da árvore — assim Danny advertia Tembe —, não estavam nem aí para lei nenhuma, branco ou preto, criminoso ou cidadão.

Não. E se Danny tentasse entrar em algum tipo de acordo com eles, se de algum modo desse a entender que dispunha dos recursos... Não. Isso também não ia dar certo. Eles seguiriam seu rastro e o achariam. Danny já vira como os homens ficavam quando eram acordados de manhã. Despertados de um sono drogado sobre colchões puídos, despertados com pequenas Glock's iradas atrás de suas orelhas amassadas. Despertados de modo que manchas cinzentas se espalhavam sob quadris marrons. Não. Isso, não.

Danny adicionou outro robusto cadeado à porta do porão, e um alarme acionado por raio infravermelho. Com um intendente corrupto em Aldershot que lhe devia um favor, ele conseguiu uma mina terrestre em troca de uma onça da parede, quase trinta gramas. Enterrou a mina no chão de terra batida do porão.

À noite, Danny ficava sentado à luz amarela da iluminação de rua que entrava pela janela do seu quarto. Tragando meditativamente um beque, ele calculava seus movimentos. Ir na manha, esse era o jeito. Usar Tembe como avião e criar uma carteira de clientes, na boa, sem pressão. Parar de passar a droga para os jovens negros de Harlesden e encontrar uns clientes brancos de grana, ponta firme.

O bom de mexer com pedra — coisa que Danny sabia perfeitamente — era que a demanda logo superava a oferta. Encontre uns gourmets que acabaram de pegar gosto pela trufa química e daí você pode contar com a voracidade deles mesmos para virarem uns porcos brancos, glutões, enterrando o focinho no chão. Contanto que o dinheiro continuasse entrando, é claro.

E assim foi. Tembe girava por Harlesden com o crack que Danny lhe arranjava. Logo ele era capaz de vender um quarto, ou até meia onça, num dia. Danny recolhia a grana de Tembe com zelo missionário. Não ia prestar deixar o irmãozinho pirando demais em cima de sua margem de lucro. Ele também comprou para Tembe um pager e um celular. O pager para receber recados, o celular para mandar. Mais seguro, desse jeito.

Enquanto Tembe rodava de ônibus pelo pedaço, de Kensal Green, no sul, a Willesden Green, no norte, Danny se

mandava para a cidade a fim de cultivar uma nova clientela. Ele começou usando parte da grana que entrava com Tembe para alugar horários nos estúdios de gravação. Contratou músicos profissionais para gravar covers de skas que adorava quando criança. Mas essas covers eram mais percussivas que melódicas, cheias dos ritmos agressivos, bate-estacas, do Ragga.

Por intermédio dos engenheiros e músicos, Danny conheceu brancos chegados numa pedra. Cuidou com carinho desses contatos, mimando-os com pechinchas, até que estes o apresentaram a clientes ainda mais ricos chegados numa pedra. Movendo-se devagar por esses grudentos filamentos de esganção pela droga, como se fosse uma aranha fiadora de crack, Danny logo se viu nos recessos mais escuros e pegajosos da decadência.

Contudo, sendo o empresário de mão-cheia que era, Danny nunca cometia o erro de carregar o produto ele mesmo, nem de fumá-lo. Isso ele deixava com Tembe. Danny podia ser encontrado bebericando um Mai Tai ou um Whiskey Sour em algum inferninho do West End, trocando uma ideia com algum emergente de sexo indeterminado ou modelos aposentadas, enquanto o bróder fazia a ronda, tonificado pelo crack e pela fissura de mais crack.

Não demorou mais que alguns meses — tal é a alacridade com que culturas da droga crescem e desaparecem — para que Danny encontrasse sua mina de ouro humano: uma rodinha da genuína alta classe rastejante. Centrada num iraniano chamado Masud, aparentemente dotado de recursos ilimitados, era uma turma de jovens abonados cuja razão inversa entre dinheiro e bom senso era simplesmente inacreditável. Eles fizeram a grana chover em cima de Danny. Cem, duzentas, quinhentas libras por dia. Danny conseguiu sumir totalmente de Harlesden. Começou a negociar *brown*, heroína marrom, além do crack; ajudava a manter seus clientes desnoiados entre uma entrega e outra.

Tembe tinha permissão de pegar um táxi, de vez em quando. Darcus abriu uma conta na casa de apostas.

O iraniano estava brincando com seu pirulito quando Tembe chegou. Ou, em todo caso, parecia que isso era o que andara fazendo. Ele estava de roupão, as pernas cruzadas sobre a cama,

a mão oculta nas pregas atalhadas. Um cheiro de sexo — ou alguma coisa ainda mais sexual que sexo — permeava o ambiente. O iraniano fitou Tembe com dois olhos amendoados sob a testa estreita, inteligente, encimada pelo cabelo espesso e cacheado mantido artificialmente baixo.

Tembe não conseguia nem começar a imaginar como o iraniano fazia ele subir — dada a quantidade de pedra que usava. Cinco, seis, sete vezes por dia o pager bipava na cintura de Tembe. E quando Tembe digitava o número programado em seu celular, na outra ponta era o iraniano, a voz travada de fissura, mas com aquele sotaque ainda refinadíssimo de estrangeiro.

Dando suporte à explicação do sexo havia a garota zanzando pelo lugar. Tembe não sabia seu nome, mas estava sempre lá quando ele aparecia, insinuando o corpinho escorregadio pelo quarto. A chegada dela, mais ou menos um mês antes, coincidira com um incremento maciço no consumo da suíte. Antes, o iraniano equilibrava entre dois de quarenta por dia e meio grama de *brown*, mas agora estava pegando um oitavo de cada, nem bem o próprio Tembe pegava como ia organizar a logística da entrega.

Depois disso o iraniano continuaria bipando e bipando pelo resto do dia. Agora, três noites por semana, no mínimo, Tembe era chamado à uma da manhã — embora isso fosse espiritualmente contra as regras — e tinha de ir e descolar uma dose sossega-leão para os dois, de modo a não ser mais incomodado.

Tembe odiava ter de ir ao hotel. Ele parava em algum pub e usava o banheiro para dar um tapa no visual antes de tomar um táxi para Piccadilly. Não acreditava sequer por um segundo que o pixaim alisado e a chegada choferizada tapeassem a equipe do hotel. Não era muito comum verem negros jovens de jeans, botas Timberland e jaqueta suja hospedados por lá. Mas também nunca o incomodaram, independentemente de quão tarde ou com que frequência aparecesse para cruzar a planície de tapete vermelho até a recepção e pedir que chamassem a suíte do iraniano.

“Meu caro Tembe”, dissera-lhe Masud, o iraniano, “a pessoa adquire discrição junto com a privacidade quando mora num estabelecimento como este. Ora, se tentassem restringir as propensões suntuosas ou sensuais de seus hóspedes, eles em pouco tempo teriam vagas de sobra, em vez de anunciar que não há

vagas”. Tembe sacou o significado sob o palavreado condescendente do iraniano. E não ligou de ser menosprezado, também — o outro meio que pagara pelo pacote.

A garota abriu a porta para Tembe entrar, dessa vez. Ela usava um roupão atoalhado combinando com o do iraniano. O cabelo loiro fulvo colado atrás da cabeça, revelando seu rosto pálido, sugeria uma ducha recente, sugeria sexo.

Como o iraniano conseguia fazer ele subir? Tembe não duvidava que o cara tivesse tesão. O próprio Tembe tinha tesão. Tinha muito tesão. Mas dificilmente o negócio ficava duro, estava mais para um sorvete, derretendo antes de aparecer qualquer chance de ser engolido. Não que Tembe não tentasse, por mais chapado que estivesse. Se desse uma cachimbada na Leopold Road, ensaiava uns avanços em Brenda — até que ela o empurrava, com desprezo indolente. Se estava entregando para as putas que trabalhavam na casa da Sixth Avenue — que ele continuava a atender sem o conhecimento de Danny — ou mesmo se fossem as garotas de programa de mais classe da Learmont, elas sugeriam ou ele propunha: a pedra pela trepada.

Era ridículo a merreca que pediam para meter em troca. A puta na Learmont — que, Tembe sabia com certeza absoluta, fazia regularmente programas de trezentas pilas — abria as pernas por uma única pedra. Ela tirava a saia do jeito que qualquer mulher tirava o casaco e te passava a camisinha de uma gaveta na quitinete como se fosse um talher.

Normalmente, assim que os dois tivessem fumado, a vontade de Tembe quase já tinha passado. Ele entrava naquele reino em que tudo era desejo, e o próprio desejo era uma satisfação austera. Tentava enfiar o pau no círculo de borracha, mas seu pau encolhia e recuava. Então fazia a menina abrir os botões de pressão na virilha de seu corpete acetinado. Ele a punha de pé ali na quitinete, um pé no salto agulha sobre um banquinho, enquanto ele a masturbava e ela esfregava sua lassidão com as unhas carmesim.

Tembe tentou não pensar nisso com a garota do iraniano zanzando pelo quarto, pegando um sutiã em cima do aquecedor, o jeans com a calcinha dentro, jogado no chão, na frente deles. O iraniano dava baforadas no *brown* sobre um pedaço de papel-alumínio muito manchado, de uns trinta centímetros

quadrados. Tembe observou a bolha da droga, preta como piche pingando de um trator na rua. A garota se espremeu entre ele e a maçaneta da porta. Não teria conseguido fazer isso um mês atrás, essa era a real, pensou Tembe. Ela se chapara demais com aquilo. Garotas brancas de classe não comem nada, e quando estão na dieta de crack com heroína, comem menos ainda. Mesmo assim, por mais magra que estivesse, e com aquela fisionomia plástica de boneca dos *Thunderbirds*, ainda assim Tembe queria comer a garota.

O iraniano encerrou sua caça ao dragão com um meneio afetado do isqueiro e disse, “Vamos para o outro quarto”. E Tembe disse, “Demorou”, louco para sair daquele lugar com o cheiro inútil do sexo alheio. O iraniano se mexeu em cima da cama, recolhendo os joelhos, e por um segundo Tembe viu seu pau marrom, ligado no lençol por uma poça de sombra, ou talvez uma mancha.

O principal quarto da suíte abrigava duas escrivaninhas Empire em que dificilmente alguém havia escrito alguma coisa, um conjunto de poltronas Empire e um divã em que dificilmente alguém havia sentado. Diante do divã havia uma grande mesa de centro com tampo de vidro, apoiada em patas de garras douradas. Sobre a mesa havia um cachimbo de crack, um maçarico, um espelho com algumas manchas de crack, cigarros, um isqueiro, chaves, um controle remoto, um par de taças sujas de vinho e, incongruentemente, uma foto com moldura prateada de uma bela mulher de meia-idade. A mulher sorria diretamente para Tembe em meio à coleção de aparatos para o consumo de crack.

No quarto havia ainda pesadas estantes forradas de edições em capa dura, que o gerente do hotel comprara por metro em alguma ponta de estoque. O tapete era malva, as paredes, cobertas de papel aveludado roxo com um motivo trabalhado de pássaros e folhas. Do lado de lá da mesa de centro, diante do divã, havia um armário imponente, com as portas abertas, em cujas prateleiras via-se o conjunto de tevê, vídeo e música. Espalhados ao pé do armário havia fitas de vídeo dentro e fora das caixas, e CDs igualmente jogados.

Em algum lugar dentro do armário Seal cantava fracamente: “*For we’re never going to sur-vive! Un-less we go a little crazy...*” “E não é a real?”, disse Tembe, e o iraniano respondeu, “Como disse?”, mas não como se quisesse realmente saber.

---

“*For we’re never going to sur-vive! Un-less we go a little cra-azy...*” Tembe cantarolou as palavras, mais em falsete do que Seal, mas imitando razoavelmente o ritmo e o fraseado do cantor. Quando chegava perto do fim do segundo verso, deu uma pequena gingada, como um boxeador se aquecendo, e agitou os dedos esticados nas laterais de seu rosto, a cabeça num vaivém de galinha. “... Você sabe, cara, tipo *loou-coo*.”

“Ah, sei. Entendi. É, claro, claro...”

A voz do iraniano foi sumindo. Ele se acomodara no centro do divã e usava a aba de uma embalagem de fósforos para rastelar os fragmentos de crack sobre o espelho, juntando uma pilha em forma de V, depois passando pela mesma superfície outra vez, criando uma série regular de montinhos de crack.

Tembe olhou para o cachimbo e viu o brilho espesso cor de mel ali dentro. Havia repeteco de sobra nele, o suficiente para mais cinco ou seis fumadas. Tembe ficou pensando por que o iraniano o chamara de volta tão cedo. Sem dúvida só aquilo teria dado para os dois por mais algumas horas. Mas então Tembe viu o iraniano se abaixando de quatro atrás da mesinha de centro e viu que passava a mão em concha metodicamente na faixa de tapete entre a mesa e o divã. Os olhos inquietos do iraniano, um palmo acima do tapete, cravavam-se no sulco deixado por sua mão, um radar à procura de crack.

Então é isso, percebeu Tembe. O filho da puta tá tão chapado que viajou no tapete. Tembe já vira aquilo muitas vezes — e fizera aquilo ele mesmo, também. Começava quando você atingia esse estágio — em algum momento após o décimo cachimbo — em que seu cérebro meio que se funde com o crack. Em que seu cérebro *é* o crack. Daí você começa a ver a droga em toda parte. Cada farelo de pão no tapete ou grão de açúcar no linóleo da cozinha parece um fragmento de êxtase potencial. Você pega um depois do outro, checando com o calor da chama oscilante, sem nunca acreditar totalmente que não é crack de fato até o cheiro de torrada queimada invadir seu nariz.

O iraniano havia se virado em sua pequena trincheira de desespero e rastejava de volta por ela, a cabeça abaixada, as saliências de sua espinha se projetando além da borda prateada da mesa de centro. Era como uma sentinela mutante patrulhando um posto de controle perverso. Seu mundo se encolhera

àquilo: presenças minúsculas e ausências escancaradas, abismais. Como todos os crackheads, Masud se movia devagar e silenciosamente, com uma precisão trêmula, dolorosa de assistir, como se fosse Gulliver tendo de fazer uma cirurgia num liliputiano.

A garota entrou novamente, enfiando a barra de um cardigã na cintura do jeans. Abotoou a calça e então abraçou o próprio corpo, as palmas das mãos agarrando cotovelos opostos. Os peitinhos duros esticando o tecido.

“Porra, Masud”, disse a garota, casualmente, “pra que você ligou pro Tembe se era pra ficar aí rastejando no chão?”.

“Ah, é, certo...” Ele deslizou o traseiro de volta para o divã. Em uma mão segurava um isqueiro, na outra, um tufo de tapete. Ficou sentado olhando a bolota de pelos em sua mão, como se fosse realmente difícil decidir se aquilo podia ou não ser um punhado de crack, e precisasse usar o isqueiro para ter certeza absoluta.

Tembe olhou para as depressões azuis sob os olhos amendoados do iraniano. Olhou para os imprópriamente designados brancos daqueles olhos, também. Masud ergueu o rosto para Tembe e viu o mesmo esquema de cores. Ambos viram amarelo por alguns segundos. “O que...? O que você...” Os dedos de Masud, encolhendo rapidamente com a explosão de calor em suas unhas, agarraram o tecido atoalhado em seu joelho. Não conseguia se lembrar de nada — estava na cara. Tembe ajudou. “Tô com o oitavo de *brown* aqui.” Tirou a mão do bolso da jaqueta, cuspiu habilidosamente ali duas bolas de gude de filme plástico escondidas em suas bochechas e depositou as duas na mesa. Uma delas rolou e foi parar junto à base do porta-retratos com a fotografia da mulher bonita, a outra ficou encostada no controle remoto.

O pequeno ato exerceu um efeito em Masud. Se Tembe era um passador negro maneiro, então ele, Masud, era um consumidor moreno maneiro. Ele se aprumou, levou a mão ao bolso do roupão e sacou um punhado de notas roxas de vinte. Jogou negligentemente as cédulas sobre a piscina de vidro do tampo da mesa, onde ficaram flutuando.

Masud se recompôs mais um pouco e retomou a tarefa de ser dono de sua própria personalidade com alguma verve, como que instado por algum exigente cineasta *autoral* a

improvisar diante da câmera. “Com licença”, ficou de pé, oscilando um pouco, mas com firmeza de propósito. Sorriu graciosamente para a garota, que estava sentada no chão, e gesticulou para Tembe, indicando que sentasse no divã. “Só vou pôr uma roupa e daí podemos todos fumar um bom cachimbo, que tal?” Ergueu uma sobrancelha interrogativa para a garota, arrepanhou as abas de seu roupão em torno do corpo ossudo e saiu do quarto.

Tembe olhou para a garota e ficou onde estava, balançando suavemente sobre os calcanhares de suas botas. Ela se levantou, ficando de pé de um jeito que meninas novas costumam fazer, juntando os pés sob o corpo e depois erguendo-se verticalmente. Tembe revisou sua estimativa da idade dela para um pouco menos. Ela sentou no divã e começou a fumar o cachimbo. Pegou a maior das duas bolinhas de filme de PVC e laboriosamente a descascou, retirando camada após camada de vacuidade grudenta, até a pepita branca leitosa ser exposta e rolar sobre o espelho.

Ela levou a mão à garganta, enganchou uma madeixa de cabelos atrás da orelha sem lóbulo, ergueu o rosto e disse, “Por que não senta aqui, Tembe? Fuma com a gente.” Ele grunhiu, andou, juntou-se a ela, passando desajeitado no vão entre o divã e a mesa de centro.

Masud voltou ao quarto. Estava vestindo uma camiseta com padrão de listras verticais em verde iridescente e amarelo-mostarda, calça azul-celeste de cetim cru com bolsos nas pernas, mocassins pretos de couro, rangendo nos pés sem meias, um plastrom estampado brotando como espuma da base de seu pescoço. Que figura. “Certo!” Masud bateu uma mão na outra, outro gesto de canastrão. De pé e vestido, podia passar por palestrante motivacional ou intermediário de um grande negócio, azeitando as engrenagens do comércio, ou assim gostava de pensar.

A garota pegou uma pitada de crack e socou no forninho do cachimbo. “Tenho certeza”, disse o iraniano, num tom de voz contido e entrecortado pela contrariedade, “que seria melhor se você fizesse isso no espelho, para não ter perigo de perder nem um —”.

“Eu sei.” Ela o ignorou. Tembe já estava bem lá no fundo do forninho do cachimbo, agora, suas botas amortecidas na

resiliência metálica da névoa. Os volumes de crack choviam sobre ele, como pedras gigantes rolando em Indiana Jones.

Tembe refletiu sobre o que podia estar por vir. Masud pagara por aquela entrega, mas poderia estar visando algum crédito? Era a única explicação que Tembe conseguia achar para a acolhida, os sorrisos da garota, o oferecimento de um cachimbo. Decidiu que daria a Masud duzentas libras de crédito — se pedisse. Mas se atrasasse, ou pedisse mais algum, Tembe levaria o caso para Danny, que teria a última palavra. Danny sempre tinha a última palavra.

A garota acendeu o maçarico com o isqueiro. O aparelho brilhou amarelo e rugiu. Ela o amansou numa língua azul sibilante. Passou o cachimbo a Tembe. Ele amparou a bola de vidro do cachimbo na palma da mão esquerda. Ela lhe passou o maçarico pela haste. “Cuidado aí...”, disse Masud, desnecessariamente. Tembe pegou o maçarico e olhou para seus anfitriões. Ambos o fitavam fixamente. Encaravam-no como se contemplassem a possibilidade aprazível de dar um mergulho em sua garganta, executando em seguida um giro, de modo a poderem sugar o cachimbo junto com ele, sugá-lo de dentro dos lábios dele.

Masud curvou-se para a frente no divã. Seus lábios e maxilares operando, ruídos estalados caindo por sua boca. Tembe exalou para o lado e pôs os lábios franzidos em torno da haste do cachimbo. Começou a tragar, conforme acariciava o forninho com a língua de chama azul. Quase instantaneamente os fragmentos de crack do cachimbo se liquefizeram numa Angel Falls miniatura de fumaça fluida que verteu para o corpo globular do cachimbo, onde pairou, revolta e borbulhante.

Tembe continuou a acariciar o forninho com a chama e ocasionalmente deixava uma minúscula língua escapar chicotando pela beirada, para morrer cauterizada em meio à névoa. Mas fazia isso inconscientemente, com aplicação, mais do que com técnica. Pois o crack estava nele, agora, avolumando em seu cérebro como um enorme vagalhão espumante de pura fissura. Esse é o barato, Tembe se deu conta, concretamente, irrefutavelmente, pela primeira vez. O barato todo da pedra é a fissura de *mais pedra*. O lance da pedra é em si a fissura de *mais pedra*.

O iraniano e a garota olhavam para ele, devorando-o com os olhos, como se Tembe é que fosse o crack, seus olhares,

o maçarico, o quarto todo, o cachimbo. O barato era poderoso, e a pedra era pura, deliciosa, nenhum traço de bicarbonato na droga que Danny arranjava para Tembe, apenas delícia, delícia, delícia. Como a xana de menina nova, pura delícia, delícia, delícia, quando você mergulha ali dentro, e ela geme, “Ai que delícia, delícia, delícia...”

Foi o barato de cachimbo mais forte que Tembe jamais sentira. Era como se o crack o erguesse cada vez mais alto. A droga parecia completar algum circuito aberto de seu cérebro, transformando-o numa treliça de neurônios que zumbia e palpitava. E a consciência desse fato, a natureza gigantesca do barato, tornou-se parte do próprio barato — exatamente do modo como a percepção de que o crack era o desejo de crack se tornara parte do barato também.

Mais alto e mais alto. Dentro e fora. Tembe sentiu suas entranhas gorgolejarem e afrouxarem, o suor brotou em sua testa e começou a correr por seu peito, pingar de suas axilas. E mesmo assim a montanha rochosa crescia diante dele. Agora ele conseguia perceber o surdo e monótono baque negro-vermelho de seu coração, acelerando através da caixa de transmissão. A periferia de seu campo de visão esfiapava-se negra com um prazer mortífero, aveludado.

Tembe pousou o cachimbo suavemente na superfície da mesa. Tornara-se *todo*-poderoso. Mais rico do que o iraniano jamais seria, mais bonito, mais maneiro. Exalou, soprando uma grande descarga tumultuosa de fumaça. A garota olhava, admirada.

Após alguns segundos, Masud disse, “Que tal o barato?” e Tembe respondeu, “Irado. Irado pra caralho. O barato mais forte que eu já tive. Foi tipo fumar uma pedra grande que nem... grande que nem...” Seus olhos giraram pelo quarto, ele se esforçava por completar a metáfora. “Grande que nem este hotel!” O iraniano cacarejou uma risada e recostou no divã, dando um tapa nos joelhos ossudos.

“Ah, gostei dessa! Gostei dessa! É a coisa mais engraçada que ouvi nos últimos dias! Nas últimas semanas!” A garota olhava, sem compreender. “É, Tembe, meu velho, agora você disse tudo: a Pedra de Crack Grande que nem o Ritz! Você podia ganhar dinheiro com uma ideia dessas!” Esticou o braço para pegar

o cachimbo, ainda rindo, e Tembe precisou fazer a maior força para não encher a cara dele de porrada.

Enquanto isso, em Harlesden, no porão da casa na Leopold Road, Danny seguia cavucando sem parar. E ele nunca, jamais, tocava no produto.